

# O Sintoma histérico: da (im)possibilidade do feminino estruturado como linguagem

Maria Teresa Guimarães de Lemos

A psicanálise francesa identifica muitas vezes, e apressadamente, “feminilidade” e “histeria”. E se o sintoma histérico fosse testemunha de algo muito mais radical — a natureza não-simbolizável do feminino?

A etologia animal é uma referência freqüente em Lacan; ela lhe serve sempre para apontar o que é específico da experiência humana. Como disciplina, ela apresenta uma ordem de fenômenos cuja essência poderíamos qualificar como a de uma “significação natural”: para um certo elemento (uma plumagem colorida, uma dança em círculos, um odor...) segue-se sempre uma certa e mesma resposta do animal que o “recebe”. Diferentemente do que acontece com o ser falante, esses elementos não se substituem nem se combinam de nenhum outro modo ... a não ser sob o risco de fazer desvanecer a única significação que lhes é dado transmitir. Pode-se até falar numa relação unívoca entre **significante e significado**, mas logo se vê que esses termos cabem mal aí; eles supõem uma duplicidade que nada tem a ver com essa espécie de unidade natural que encontramos no instinto.

Na verdade, a própria expressão “significação natural” é bem paradoxal: no que nos referimos à significação entramos numa ordem Outra que não a da natureza. Mas, se é possível (e até necessário) dizer que o apelo à significação é próprio da espécie humana, como qualificar esse es-

tado de coisas? Quando em “Três Ensaios Sobre Uma Teoria Sexual” Freud afirma que, na sexualidade humana, a coisa mais variável, mais verdadeiramente impossível de determinar é o objeto, ele introduz o corte fundamental para traçar uma diferença sem a qual mais valeria seguir os ensinamentos pavlovianos: que a ordem humana é essencialmente falha. No homem, as “funções biológicas” mais básicas apresentam uma lógica que em nada se assemelha a esse caráter unívoco do instinto. Mas falar em lógica, nesse caso, é bem mais que um efeito de retórica: não é porque falta ao comportamento humano essa ordem instintiva que será possível dizer que a sexualidade humana comporta uma dimensão de anarquia ou, mesmo, de liberdade, como alguns querem crer. A psicanálise tem sua especificidade justamente aí: no fato de haver descoberto essa ordem es-

**Maria Teresa Guimarães de Lemos:** Psicanalista. Este trabalho foi originalmente apresentado ao Colégio Freudiano de Campinas, hoje extinto. O ensino de Mauro Mendes Dias — em especial os seminários “Estruturas Clínicas” e “Da Fêmea à Mulher” (1990) teve influência fundamental no que se quis desenvolver aqui.

sencialmente falha que é a sexualidade humana, **ordem falha mas nem por isso arbitrária.**

O sintoma histérico é uma evidência escandalosa disso. Freud recebe em seu consultório uma paciente, Elizabeth, que vem mancando. Ele reconhece que aí “há alguma coisa que não anda” e descobre mais tarde de que se trata: um interesse sexual sob efeito de recalque. O “mancar” vem tomar o lugar de um gozo perdido, impossível... E eis que voltamos à questão da significação: é enquanto linguagem que Freud recebe o sintoma da paciente. Mas a mensagem inscrita no corpo de Elizabeth não apresenta nenhuma transparência; ao contrário do que a lingüística supõe, ela mostra que linguagem e não-sentido não são excludentes. É justamente porque o “mancar” não faz sentido que ele diz alguma coisa a Freud. O sintoma histérico apresenta-se, por essa via, como puro traço significante à procura de uma significação. Diremos que, dessa forma, ele exhibe a lógica que atravessa a experiência humana: não propriamente a da significação como parece à primeira vista, mas a lógica do significante.

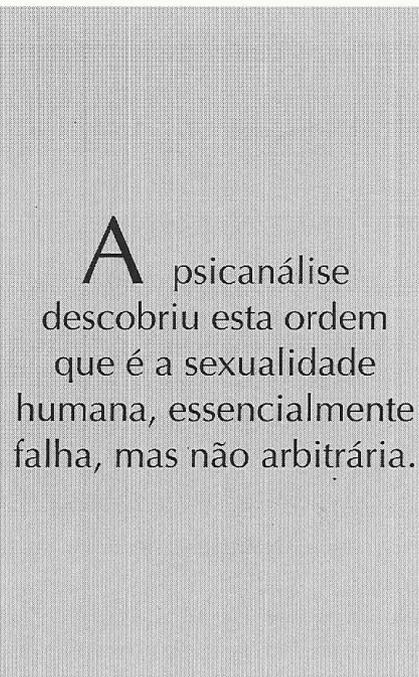
Isso mostra por que o sintoma histérico, ao lado dos outros fenômenos denominados por Freud de “formações do inconsciente”, o sonho, o lapso, etc. tem se oferecido como lugar privilegiado para a discussão das questões relativas ao inconsciente e à linguagem. Por outro lado, a história tem sido também a referência mais importante (e problemática) na discussão sobre o feminino na psicanálise. Esses movimentos fazem confluir sobre o sintoma histérico uma série de questões teóricas fundamentais; ele se constitui, por assim dizer, num espaço de cruzamento entre esses eixos e, como a psicanálise mostra que há sobredeterminação, queremos supor que essa confluência vem indicar a articulação possível, ou melhor, necessária entre linguagem e feminino na psicanálise.

A discussão que se segue é uma tentativa de fazer uma articulação desse tipo.

1. Vimos que, ao precisar o que seria próprio de uma ordem humana, a psicanálise faz entrar em jogo sexualidade e linguagem. Essa relação é muitas vezes atribuída a Lacan; esquece-se que ela corresponde ao que Freud delineou ao longo de toda sua obra como funcionamento do inconsciente (ver Dör). No entanto, é verda-

de que foi Lacan quem, com o uso muito particular de alguns conceitos da lingüística estruturalista, desenvolveu e ampliou aquilo que no texto de Freud abria ainda margem a ambigüidades. Ambigüidades essas que, é preciso lembrar, foram exploradas a favor de um apagamento da radicalidade da descoberta freudiana por grande parte daqueles que fizeram a chamada “psicanálise pós-freudiana”.

O conceito de simbólico, introduzido por Lacan, tem um interesse especial aqui; veremos que a questão da diferença sexual (e, assim, a do feminino) não pode ser formulada de maneira verdadeiramente analítica sem essa inclusão.



Esse conceito tem uma inspiração fortemente saussureana. Saussure fundou a lingüística científica abandonando uma perspectiva diacrônica (histórica) da linguagem e definindo a língua como um sistema diferencial de valores. A língua é concebida, então, como uma estrutura tal que não admite valores absolutos: cada elemento se define por oposição aos outros. Assim, b é b (isto é, existe como fonema da língua) apenas por que não é p, nem d...; “pão” é “pão” por que não é “dão”, nem “nã”, nem “mão”, etc. Queremos sublinhar aqui (e logo se verá por quê) que a noção de língua como estrutura é anti-substancialista na medida em que os elementos não possuem características

intrínsecas, apenas extrínsecas.

Diremos que o simbólico é bem isso: uma ordem Outra, fundada na diferença, que vem atravessar o sujeito. Para se dizer o sujeito precisa se valer dos significantes, mas essa ordem o condena a nunca se significar plenamente. Se, por um lado, o que ele quer encontrar é a essência desses significantes que o nomeiam (ou ainda, encontrar-se como A essência), por outro, seu drama é que, nessa busca incessante, tudo o que ele pode encontrar são outros significantes. Sim, porque como disse Ducrot (a respeito da língua), a ordem significante não dá testemunho sem de si mesma.

Para que o sujeito viesse a se significar plenamente seria necessário um significante que fosse verdadeiramente absoluto, que não tivesse uma dívida para com os outros significantes pela sua significação. É evidente que supor a existência desse significante é impensável, mas a psicanálise é suficientemente delirante para fazê-lo. Ela atravessa esse limite que a lingüística cultivava obsessivamente e, já do outro lado, dá nome a esse significante. Chama-o de Falo. Mas ela delira apenas “o suficiente”: o Falo não tem estatuto de objeto real, mas simbólico. Na verdade, seu estatuto está para além do simbólico na medida em que o Falo, enquanto significante absoluto, faz parte do conjunto de significantes ao mesmo tempo em que o excede.

A cadeia de significantes supõe um movimento (sem fim) de um significante remeter sempre a outro, movimento metonímico, deslizante. É porque falta alguma coisa que esse movimento não pode verdadeiramente parar. E, de fato, o que da própria cadeia significante poderia ter o poder de reter esse movimento e garantir, assim, alguma significação? Mas o que dizer da significação se acreditamos que esse movimento nunca pára? Sabemos que o movimento **deve** parar, para que “algo” venha a ser significado. É porque supomos em algum lugar a existência de uma instância não-relativa, não-circunstancial, que acreditamos que nossas palavras não foram em vão. O Falo corresponde então a essa garantia para todo o conjunto significante, ou seja, **ele seria um já-dito inaugural, cujo sentido seria o de “todo”.**

Diremos que o Falo comporta um paradoxo que é expressivo da sua condição na teoria psicanalítica: ele é impensável e, no entanto, não

podemos deixar de pensá-lo. Porque a psicanálise também sabe que esse significante é da ordem do impossível. Mas é essa dimensão de impossível que a psicanálise não pode ignorar; tentar significá-la é sua própria condição de existência (assim como para o sujeito!).

E sob que condições ela o pode fazer? Em "A Significação do Falo" (outro paradoxo...), Lacan afirma que o Falo só existe enquanto significante barrado. Ele nunca aparece como tal; nós o procuramos, é verdade, mas quando acreditamos tê-lo encontrado... era apenas um fac-símile, cópia falta.

A castração representa aí o fato de que, estando na ordem simbólica, há impossibilidade de se significar através do Falo, isto é, se significar como pleno. Mas é também essa ordem que se impõe como Lei, barrando o Falo como significante, condenando-o ao recalque e transformando a impossibilidade em proibição. Não dirás tudo. Não dirás a uma só vez.

Mas o que significa dizer que ele é recalcado? Como uma coisa que nunca existiu pode ser recalçada? A inclusão na ordem simbólica/estrutural edípica, faz surgir o Falo como significante barrado porque a impossibilidade que ela introduz qualifica, retroativamente, um fora/além da linguagem, primordial, pleno, unívoco.

Dissemos que o movimento significante deve parar para que algo seja significado. É justamente na palavra "algo" que está a chave da questão. O Falo, como vimos, só pode significar "todo", mas e o significante, que pode ele significar? Ele pode significar "algo"; isto é, ainda que todo dizer seja incompleto, há possibilidade de dizer uma parte, um fragmento desse "todo" desde que esse significante fálico permaneça para o sujeito como uma referência distante mas possível. Ou seja, que todo dizer é metonímico, mas pode aspirar a ser metafórico se há relação "de filiação" com esse já-dito original, do qual ele vem tomar poder suficiente para se fazer valer. Para dizer ainda um pouco mais... apesar de tudo.

2. Freud afirmou que não há inscrição de diferença sexual no inconsciente. Ou seja, que no ser falante a diferença sexual não é um dado inicial, ela se impõe de fora por assim dizer. Diremos que é a ordem simbólica que a introduz como tal (isto é, como distinção entre masculino e feminino), porque é mesmo ela que introduz diferença desse modo, isto é,

por oposição entre x e não-x.

A ordem simbólica exige do sujeito que ele encontre um lugar em uma de suas posições. Ela lhe pergunta, à exaustão: feminino ou masculino? Se ele lhe responde, é por que é preciso; caso contrário arrisca-se a ser excluído da única ordem que o autoriza como sujeito, que legitima seu desejo. Mas sua resposta é sempre precária... Como responder se tudo que ele conhece são as pulsões e os seus destinos? A pulsão que busca objetos, não homens ou mulheres. A ordem simbólica, no entanto, é tão exigente quanto surda; ela só quer saber de... ou x ou não-x. Por isso, quando ele responde, fica ainda um resto, que

**D**iremos que o Falo comporta um paradoxo que é expressivo da sua condição na teoria psicanalítica: ele é impensável e, no entanto, não podemos deixar de pensá-lo.

pode tomar a forma de uma interrogação que volta a essa mesma ordem: que sou eu? homem ou mulher?

Mas seu drama é que essa resposta já está indicada, por assim dizer, antes que ele possa sequer formulá-la. A chave em Freud: "a anatomia é o destino". Isso significa que o corpo tem uma marca que faz diferença: o pênis. Não é do pênis enquanto órgão real que se trata aqui. De qualquer modo, a vagina é tão real quanto. É enquanto significante que ele instaura uma outra ordem de coisas. A criança descobre a diferença sexual justamente porque antes disso (não havendo inscrição da diferença sexual no inconsciente) ela habitava o reino da não-diferença, isto

é, o paraíso fálico. A descoberta da diferença, a partir da visão do corpo (mas não realizada apenas por essa visão, já que é necessário simbolizá-la) vai impor a essa pergunta do simbólico uma direção que o sujeito não pode ignorar (mesmo que, como é o caso da perversão, ele se aproxime bastante disso).

Com isso o pênis ganha estatuto de significante, mas e a vagina? Ela permanece na dimensão de real? Por que não pode a vagina ser também um significante? É preciso fazer uma distinção aqui: não há falta de significante para vagina, tanto quanto não falta significante para pênis. Prova disso é que a língua é generosa em termos que os designam, a um e a outro. Mas a questão é bem outra: **a descoberta da diferença sexual coloca em risco não a crença na universalidade do pênis, mas na do Falo.** O Falo não é (como vimos antes) um significante como qualquer outro na cadeia significante. O que falta aqui, para significar a diferença sexual, **é um significante Não-Falo absoluto.** Ora, esse tipo de oposição é própria do simbólico, ordem de relatividades, mas já vimos que o Falo transcende essa ordem. Se admitimos que o Falo é absoluto, como algo pode relativizá-lo?

Nesse caso, por que dissemos que o pênis tem valor de significante e a vagina não?

O que vem surpreender a criança é "haver diferença"; **mas é através da falta de pênis que essa descoberta é feita.** Diremos que isso determina duas condições bastante diferentes no que se refere ao sexo:

Feminina: - pênis/ - Falo // Falo  
Masculina: + pênis / - Falo

O pênis é presença, a vagina é ausência de pênis. Desse modo ela introduz essa falta impensável pela criança; com isso o próprio pênis fica marcado pela incompletude, pois onde há presença pode surgir a falta (por isso +pênis/-Falo). O pênis, sob a ameaça de castração, não é mais que sombra do Falo. Por sua vez, o Falo, essa dimensão de unicidade da qual a criança acreditava que a mãe era dotada, ressurgente então numa Outra cena, como significante barrado no inconsciente.

No entanto é preciso avaliar bem essa condição do pênis, que parece levar a muitos enganos. Ainda que ele não possa ocupar lugar de Falo, ele é um significante na medida em

que é a presença que faz elo metafórico com a Instância Fálica, coisa impossível para a vagina. Nesse sentido, quando o sujeito tem que se significar como ser sexuado, o homem encontra no seu corpo uma marca que lhe garante, no simbólico, uma referência para seu desejo. Mas antes que interpretemos isso, ao modo da histérica, como a vantagem masculina, valeria que nos interrogássemos sobre o que essa referência verdadeiramente lhe garante.

Ora, a posição do homem é bastante problemática porque, havendo diferença, nem mesmo ter pênis impede que ele tenha que se perguntar o que é a mulher. **Essa pergunta não tem nada de exterior a sua própria subjetividade:** trata-se de saber o que pode vir a ser um homem se há mulher, se há castração? Ou ainda, de outro modo, quando o simbólico o interpela, ele pode crer que seu pênis é suficiente como resposta, mas há sempre aquele resto... Aquele que faz sua aparição para Schreber na voz que diz "Como seria belo ser uma mulher copulada por Deus"... De qualquer modo, diremos que o pênis é um abrigo bastante precário...

Curiosamente, quando se queria falar do feminino, não fizemos outra coisa senão discutir a problemática masculina. Também somos pegos pela referência fálica quando tentamos significar a condição da mulher e corremos o risco de não nos aventurar para fora desse abrigo. Mas acaba por me perguntar: haveria outro lugar por onde começar?

3. A histeria ocupa facilmente, na psicanálise, o lugar de uma referência que qualifica o feminino. Acusar essa facilidade, no que ela revela de um movimento de resistência, não resolve muita coisa. Mesmo porque é preciso reconhecer que ela não é uma coisa evidente, mas um problema em si mesmo. Ou seja, que essa facilidade não é tão simples de entender; afinal Freud apontou inúmeras vezes — o caso Dora é exemplar nesse sentido — a vertente "masculina", fálica, como dominante na neurose histérica. No entanto, em outros momentos ele mesmo não distinguiu histeria de feminino.

Como entender esse estado de coisas na psicanálise? Parece-nos que ela tem a ver com a condição do sujeito de sexo feminino frente a sua inserção na ordem desejante. Nesse caso, estamos nos referindo à mulher (por mais ambíguo e problemático

que esse termo tenha se tornado na psicanálise), antes de falar do feminino — pois temos que partir de uma não-equivalência entre esses termos.

Lembraremos que a condição da mulher (isto é, do sujeito que não porta pênis) pode ser caracterizada como se segue:

- pênis / - Falo // Falo

O que caracteriza particularmente essa condição, e assim a distingue da masculina, está dado na primeira fase do esquema: o termo que aparece aí é "pênis" (ainda que sob signo de falta). **Não há termo positivo que possa ocupar essa posição** porque,

**A** posição do homem é bastante problemática: o que pode vir a ser homem, se há mulher, se há castração?

"havendo" Falo, está excluída a possibilidade de a vagina ser significante.

Como, então, o sujeito de corpo feminino vai se inserir na ordem simbólica? Questão fundamental já que, como vimos, o corpo faz diferença.

Freud mostrou, ao traçar as diferenças do Édipo masculino e feminino, que a menina faz um trajeto mais tortuoso que o menino. Este faz a opção por um "+ pênis/ - Falo", isto é, renuncia ao lugar de objeto fálico da mãe para escapar à castração, preservando um acesso ao gozo fálico através desse significante pênis.

Para a menina, descobrir-se castrada é apenas o começo: faltando-lhe essa referência significante, ela vai buscar fora de si o emblema fáli-

co que lhe permita se significar na ordem do desejo. Ela se dirige, então, ao pai enquanto representante legítimo da ordem simbólica. E daí em diante seu trajeto é o da insistência: ela demanda, sob todas as formas possíveis, que algo da ordem de um significante fálico lhe seja dado. Oferece-se como objeto para o pai, pede filhos, etc... Em suma, ela teima no impossível e verdadeiramente não pode fazer outra coisa; essa máquina infernal, a estrutura, não lhe oferece senão essa entrada.

Mas essas tentativas estão condenadas ao fracasso porque o pai só pode negar os seus pedidos: em primeiro lugar por que ele também é castrado (ou seja, ele também **não é, está no lugar de**), em segundo porque o próprio pedido é impossível. O que o faz impossível é que ele comporta duas exigências contrárias: reconhecer a Lei/eliminar a diferença. Mas nem por isso é indiferente para essa situação o modo como o pai responde: dissemos que ele só pode negar porque não está em seu poder gratificá-lo, no entanto, o pai pode recusar a sedução incestuosa e, ainda assim, não desautorizar a existência desse desejo. Que esse pedido possa ser feito; essa parece ser uma condição necessária para que a menina prossiga o seu trajeto.

Mas estaria aí, na possibilidade de dirigir esse pedido a um outro homem, aquilo em que consiste a feminilidade? Catherine Millot analisa essa posição, contrapondo-a a uma outra solução que seria o complexo de masculinidade. O que ela faz ver é que nessa primeira posição a menina não renuncia a uma demanda feita ao pai e mantém-se assim numa dependência essencial para com um outro que fica colocado no lugar de instância absoluta. O caso é que, dessa forma, a menina não sai do Édipo... E eis a pergunta com a qual Catherine Millot nos deixa no final de seu texto: haveria uma existência para a mulher para além do complexo de Édipo?

Desse modo, diremos que a inserção do sujeito feminino na ordem simbólica culmina numa situação de impasse\*\*. Como ela responde à interpegação da ordem simbólica?

Se nega a castração, é essa ordem que ela tenta ludibriar, mas o preço é alto; no caso, a própria ordem tomará o lugar daquele que foi castrado, isto é, torna-se impotente para legitimar seu desejo. Ou então a mulher pode esperar que um homem

seja seu porta-voz. Que ele diga, então, “este é o meu objeto”, ou ainda mais radical, “este é O objeto”... As soluções parecem todas incluir algum tipo de negação: negação da própria castração, negação da castração no Outro...

De que modo a histeria se introduz aqui? Ela também é uma resposta a essa questão. Parece-nos que é justamente porque ela se apresenta (com todas as diferenças que permite dentro de sua estrutura) como uma resposta mais que comum, diríamos mesmo paradigmática, que ela frequentemente serve para descrever uma “natureza feminina” (mesmo na psicanálise, como vimos). Aqui é que a distinção entre mulher e feminino se justifica: a histeria pode mesmo ser uma posição paradigmática no que se refere à mulher, mas não ao feminino.

A histeria supõe uma estrutura diferente das soluções que vimos aqui. Ela não apresenta uma negação da castração: a histérica reconhece o homem como diferente, mas apenas como rival. Haver diferença, nesse caso, significa privilégio de uns, prejuízo de outros. O que torna a situação desse sujeito insustentável, e por isso ela protesta; é que nessa história ela é, de saída, a prejudicada. Ela acusa a ordem simbólica de ser caprichosa, injusta... e de certa forma não deixa de ter razão.

Para a histérica a castração não pôde abrir o caminho para o pedido ao pai... Nesse trajeto ela ficou capturada num ponto anterior, justamente naquele em que a castração da mãe lhe indicaria um lugar de gozo junto ao pai. Na falta disso a histérica não lhe pede nada, ao contrário, **ela só quer saber de lhe dar**. Para isso quer ser aquilo que falta ao pai, **A Mulher**. É importante sublinhar que isto é coisa bem diferente de dizer que ela quer o Falo. O que ela quer é o seu complemento Absoluto.

Freud mostrou que o sintoma histérico comporta uma relação essencial, determinante com a fantasia. A fantasia histérica, de modo semelhante à fantasia masturbatória, esforça-se por criar uma estrutura tal que o sujeito possa gozar tanto na posição feminina quanto na masculina. Seria possível dizer que o sintoma histérico, tendo como base essa dupla identificação, é um significante que aspira à faticidade, ou seja, a ser pênis?

Diremos que o sintoma histérico, na medida em que ele faz surgir **no corpo** um signo que tem essa natu-

reza de unidade, ele é uma tentativa de criar um significante equivalente ao pênis. Algo como um + vagina/ + Vagina, termo positivo da Castração.

**Dessa forma, a estrutura histérica é uma resposta que, acima de tudo, respeita a ordem simbólica.** Por isso podemos dizer que ela “se estrutura como linguagem”. Ela se estrutura assim para responder ao simbólico na mesma língua; se nessa língua falta o termo que a levaria a se significar, ela se mostra capaz de inventá-lo, pagando com o seu próprio corpo, que só goza esse sofrimento. A clínica da histeria mostra, entretanto, que essa tentativa não é totalmente bem sucedida, já que, diferentemente do obsessivo, a histérica não se con-

**A** histeria não pede nada, só quer saber de dar. Para isso, quer ser aquilo que falta ao pai: seu complemento absoluto.

vence nem com/do seu sintoma. Mas a verdade é que esse empreendimento atesta sua submissão a essa ordem, essa que, no entanto, ela mesmo acusa de falha... O problema aqui é que a histérica está ligada ao que há de mais secundário, ao mesmo tempo em que passa por alto da sua questão principal. E nisso seria ela diferente dos outros neuróticos?

O que seria, então, a questão principal? Já dissemos que o sujeito não pode responder adequadamente à interpelação que a ordem sexual lhe inflige, porque ele só conhece pulsão. O que há aí é uma profunda e radical heterogeneidade entre esses “registros”: pulsão e sexo. Por que

dissemos que a histérica passa por alto no que é central? **Por que justamente ela passa perto dali:** a fragmentação do corpo revelada no sintoma é correlativa ao modo da pulsão, movimento que não tem origem em nenhuma “unidade corporal”. É verdade que o sujeito histérico não pode receber os efeitos disso a nível de desejo, mas ainda assim está mais próximo desse reconhecimento do que, por exemplo, o neurótico obsessivo. Além disso, como vimos, ela reconhece bastante bem que a estrutura é cega, insiste em transformar desejo em sexo. Nisso ela está ainda mais perto... Falta-lhe, no entanto, dar o salto em reconhecer que haver desejo indica um para-além dessa estrutura, porque a pulsão sobrevive sempre a ela. Sob efeito da estrutura a pulsão torna-se desejo.

Seria a clínica da histeria a possibilidade de fazer essa resposta “equivocada” tomar o caminho de uma interrogação? Se ela permanece como resposta ela barra todo acesso à condição desejante para mulher. O que nos leva a perguntar, então: o feminino não seria mesmo impossível de ser estruturado como linguagem? Não seria aquilo que, do desejo, resiste à simbolização?

E isso nos leva, também, à questão de Catherine Millot: haveria uma existência para a mulher fora do Édipo? A histérica reconhece a ordem simbólica, mas apenas para desafiá-la; nesse sentido ela resiste à estrutura e não pode sofrer a mutação da pulsão em desejo. Por isso, haver mulher fora do Édipo significa haver mulher “depois” do Édipo... Ou, quem sabe, haver feminino, no sentido em que o Édipo não seja a estrutura capturante, mas antes aquela que verdadeiramente introduz o feminino com o seu resto inassimilável. Aquele que garante, tanto para o sujeito masculino quanto feminino, que responder pela diferença sexual não exija a morte do seu desejo.

4. Resta-nos agora perguntar pelas conseqüências dessa afirmação: que o feminino tem a ver com um resto inassimilável. Ela evoca — enquanto faz referência à presença de um não-simbolizável — um outro conceito: o de angústia. Aproximação perigosa... mas que pode fazer avançarmos um pouco mais.

Ela não nos deixa esquecer que é preciso considerar uma “exigência de simbolização” no aparelho psíquico. A angústia, como índice de uma in-

tromissão de real na cena psíquica, mostra que nem mesmo o recalque impede a emergência do inconsciente. Ou seja, que o sujeito sofra o efeito dessa fala Outra que ele não pode compreender. Mas o que chamamos aqui de exigência de simbolização é o fato de que a angústia também supõe um movimento de inclusão desse real na rede associativa consciente. Mas que não se entenda essa exigência de simbolização como função egóica. O inconsciente não resiste, ele insiste; essa exigência de simbolização é efeito do movimento do inconsciente. Aqui o mal-estar é do ego, cuja consistência fica ameaçada por essa inclusão.

O que nos autoriza a falar de uma exigência de simbolização do inconsciente? Lembremos que a linguagem é aquilo que atravessa o sujeito, fazendo com que ele tenha que se significar em um Outro lugar. Lugar que está pressuposto pela linguagem como aquele que transcende todo diálogo concreto, lugar de Verdade. Esse Outro da Verdade está, assim, pressuposto no inconsciente; o que nos permitiria dizer que o inconsciente é o que, no sujeito, aspira a dizer a verdade, enquanto o ego quer reencontrer os significantes do qual ele acredita ser o significado.

Essa antinomia entre movimento de verdade do inconsciente e atividade discursiva do ego tem (cor)relação com aquela antinomia da qual falávamos antes, entre desejo e sexo. Diremos que o ego responde à ordem simbólica através da identificação imaginária, que tende a dar consistência a essas posições do simbólico. Essa "forma" sexual é o que frequentemente se chama de masculino e feminino. Se a psicanálise introduz o simbólico mostra que a questão não pode parar por aí; o feminino não pode ser pensado apenas pela dimensão imaginária.

Mas, por outro lado, quando falamos do feminino através desse "resto inassimilável" não estaríamos por demais privilegiando ainda uma outra dimensão, a de Real, para qualificar o feminino e, assim, mal o distinguindo de angústia? Não seria isso o equivalente a uma posição "misógina" que liga o feminino à ordem do horror, do demoníaco, do insuportável? Talvez, mas o maior problema dessa posição é que ela ainda não nos permite sair de uma identificação fálica para tentar pensar o feminino.

No entanto, essa consideração é importante porque nos permite situar

mais precisamente onde a questão do feminino deve ser formulada na psicanálise. O feminino tem, de fato, a ver com o Real na medida em que ele remete a uma impossibilidade da estrutura dar conta de uma posição não-fálica em relação ao sexo, ou mesmo na medida em que remete a uma presença (pulsão) que não encontra simbolização nessa ordem. Mas poderia isso definir o feminino enquanto **posição**?

Diremos que, se esse Real pressupõe uma exigência de simbolização, pode-se pensar o feminino a partir de uma falta que, no próprio simbólico, o desafia a significar-se. Nesse sentido falaríamos de uma **po-**

O feminino não seria mesmo impossível de ser estruturado como linguagem? Não seria aquilo que, do desejo, resiste à simbolização?

**sição feminina** como aquela que busca o impossível de uma simbolização da castração desafiando o simbólico a uma castração simbólica ele mesmo. **Desafio de fazer um lugar vazio na sua estrutura, lugar de possível transmutação de sentido.**

Esse desafio é de uma natureza bem distinta daquele que faz a histórica. A histórica cria um significante para significar-se; na posição feminina o sujeito busca significar o buraco que ele encontra na própria ordem simbólica **porque só assim ele poderia chegar a dizer da sua verdade.** Nesse sentido a posição feminina poderia se aproximar daquilo que Lacan chamou de fala plena, **aquela na qual o sujeito se significa, de saí-**

**da, em relação ao Outro.** O que na histórica é rivalidade, na ordem feminina poderia se chamar de uma relação de amor, relação que se mantém mesmo na falta.

Se é a ordem simbólica que legitima o desejo humano, o feminino desafia também essa ordem a legitimar um desejo fora do sexo, um desejo para além da oposição binária. Mas seria mesmo possível uma posição como essa? Ou ainda, seria possível, fora da histeria, o feminino estruturado como linguagem?

É a própria psicanálise que está em jogo nessa pergunta. Lembrando ainda o sintoma de Elizabeth e a escuta de Freud, não teria sido uma posição como essa que permitiu que uma verdade pudesse emergir? Sim, porque com as históricas Freud quis o impossível de fazer o sem-sentido falar. E com isso não é apenas a verdade de Elizabeth que emerge, mas a da própria psicanálise: o inconsciente.

Diremos que a psicanálise tem como condição essa posição feminina na medida em que está para além de uma cura do sintoma; está comprometida com o desejo. Sua direção não é, então, a de significar essa falta, essa falta de adequação do sexo para o sujeito? Mas isso não quer dizer que o analista está sempre nessa posição... aliás, nem ainda sabemos se essa posição é possível...

Mas, se a psicanálise tem essa direção, a posição feminina deve ser possível, ou então é a psicanálise que é impossível. Entretanto, Freud mesmo afirmou que a psicanálise era uma profissão impossível. **Mas estranhamente ele nunca desistiu...** O caminho de Freud poderia talvez ser, para nós, um paradigma de feminino... e, dessa forma, apontar esse paradoxo que é fundante para a psicanálise: o de fazer um projeto **no** impossível.

#### Referências Bibliográficas

- Dias, Mauro Mendes (1990) **Da Fêmea à Mulher.** Publicação do Colégio Freudiano de Campinas.
- Dor, Joël (1989) **Introdução à Leitura de Lacan.** Porto Alegre, Artes Médicas.
- Ducrot, O. (1970) **Estruturalismo e Lingüística.** São Paulo, Cultrix.
- Lacan, Jacques (1988) **Escritos.** São Paulo, Perspectiva.
- Millot, Catherine (1988) **Nobodaddy.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editores.